**Cuidados no ensino de Dança para Surdos:**

 **Foco nas subjetividades dos estudantes**

Larissa da Silva Brito[[1]](#footnote-1)

**E-mail:** britolarissasilva@gmail.com

**GT 3:** Educação Inclusiva, Educação Especial e Desenvolvimento Humano na Amazônia

Instituição: **SEDUC**

**Resumo**

Há estratégias docentes no ensino de dança que podem ser determinantes para incompreensão, rejeição e proliferação de olhares equivocados a respeito do que é a Música/Dança para Surdos e da existência de Musicalidade na vida de Surdos. Considerando que a raiz da significação mora em como o conhecimento é apresentado, este trabalho visa elencar pontos cruciais para colaborar com práticas significativas para Surdos em Dança. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, tendo como teóricos: acerca da Música (BEYER, 1999); Arte e Surdez (LULKIN; SKLIAR, 2012); Multiculturalismo e Surdez (KELMAN, 2015) e Musicalidade do Surdo (CERVELLINNI, 2003) e (BRITO, 2018). A metodologia utilizada tem abordagem qualitativa (MINAYO, 2010), com foco na fruição musical de cada estudante desaguando em uma pesquisa-ação (THIOLLENT,1988), em andamento. A constituição da sua vivência musical não pode ser reduzida ao audível e muito menos a repetições de movimentos direcionados por um ouvinte. Nos resultados parciais já é possível notar o quão relevante compreender conceitos como Sons, Música, Surdez e Musicalidade do Surdo se fazem para que haja uma prática significativa aos dançarinos. Com os resultados apresentados deseja-se somar para que futuras práticas tenham o enfoque primordial na musicalidade dos Surdos, distanciando-se de serem práticas ouvintistas (SKLIAR, 1998).

**Palavras-chaves:** Surdos; Educação de Surdos; Dança; Musicalidade de Surdos;

**Introdução**

Apresentações de danças com Surdos podem ser observadas em registros da Secretaria de Educação do Amazonas há anos. No entanto, é uma prática que ainda desperta dúvidas quanto a sua significação para Surdos em alguns diálogos entre ouvintes e ouvintes, Surdos e Surdos, ou, Surdos e ouvintes. A significação está interligada a como essa prática foi realizada. Para refletir esses pontos e criar possibilidades favoráveis aos estudantes, a pesquisa vem sendo desenvolvida com base nos seguintes estudiosos: acerca da Música (BEYER, 1988); Arte e Surdez (LULKIN; SKLIAR, 2012); Multiculturalismo e Surdez (KELMAN, 2015) e Musicalidade do Surdo (CERVELLINNI, 2003) e (BRITO, 2018).

 O objetivo principal não pode deixar de ser o praticante (o dançarino, o artista, o brincante). Em alguns casos, infelizmente o foco passa a ser o público e as referências não tendem a ser as subjetividades dos estudantes envolvidos na dança. O professor responsável pelo ensino da dança precisa considerar que os Surdos tem a musicalidade de modo diferenciado dos ouvintes e também entre si, assim como os ouvintes apresentam suas diferenças no próprio grupo.

Na aprendizagem existe a repetição, mas fixar toda a prática em repetição pode criar aversões dos praticantes a algo maçante, sem prazer ou de significado limitado a uma brincadeira de repetir o que alguém está fazendo e no fim ser aplaudido. O que em algum momento da vida poderá ser entendido como sinônimo de qualquer prática musical. Por isso e mais é preciso ter cuidado para não gerar tais equívocos.

O objetivo geral deste trabalho é apresentar possibilidades de estratégias docentes que inspirem práticas significativas em Dança para estudantes Surdos. Práticas essas que não resultem em repetições ouvintistas. Skliar (1998, p. 15) introduziu o termo **´´ouvintismo´´** como: ´´... um conjunto de representações dos ouvintes a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte. Nessa perspectiva é que acontecem as percepções do ser deficiente, do não ser ouvinte, percepções que legitimam as práticas terapêuticas´´.

**Metodologia**

Este trabalho é fruto de investigação qualitativa, citada por Minayo (2010) como caminho que envolve o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Neste caminho as reflexões foram aprofundadas e despertaram outras ao longo do trabalho. O modelo de pesquisa-ação é que tem sido utilizado no processo. A pesquisa encontra-se em andamento desde o primeiro semestre do ano letivo de 2023.

A pesquisadora e professora da escola (autora deste trabalho) guiou os passos das práticas resultantes nas observações e reflexões dadas na pesquisa. A coleta de dados foi realizada desde o momento de convite feito pela escola para a docente organizar a dança, passando pelo diálogo com as crianças e suas famílias, e, o planejamento dos estudos e ensaios. Após a interpretação dos dados foram organizadas as ações, que contribuíram nos estudos, ensaios, apresentação e avaliação posterior à dança feita até o momento.

A pesquisa-ação (THIOLLENT, 1985) como método agrega várias técnicas de pesquisa social. Utiliza-se de técnicas de coleta e interpretação dos dados, de intervenção na solução de problemas e organização de ações, bem como de técnicas e dinâmicas de grupo para trabalhar com a dimensão coletiva e interativa na produção do conhecimento e programação da ação coletiva.

O trabalho vem sendo realizado em Escola Específica de Surdos da Rede Estadual do Amazonas, localizada em Manaus. O convite para a realização do direcionamento coreográfico foi ocorreu em reunião de professores, para que a docente em questão organizasse uma dança para crianças do 1ᴼ ao 5ᴼ ano. Primeiramente foram revisitados conceitos e investigadas as trajetórias dos estudantes em relação a experiências musicais. Os participantes foram a professora-pesquisadora, familiares e 5 estudantes que demonstraram interesse em participar da composição coreográfica. Com idade entre 6 e 13 anos, as meninas participaram dos estudos, ensaios e apresentação no primeiro semestre de 2023.

Foram utilizados vídeos para apresentar o contexto da música a ser dançada; houve diálogo com os pais para conhecer a musicalidade dos estudantes pelo ótica da família; antes de cada ensaio era explicado o que seria feito e o porquê, o que cada movimento representava e a emoção desejada de ser vivenciada e expressada naquela sequência; foi também conversado com as famílias sobre como é musicalidade de Surdos; as motivações aos estudantes também eram feitas por meio de desenhos para colorir com passos estudados; foram ainda apresentados Surdos dançarinos para as crianças terem referência dentro do seu contexto identitário; a letra da música foi apresentada em Libras; Um sinalário com essa letra também foi elaborado; e, ainda confeccionado um guia visual da sequência dos passos com os tempos musicais a serem dançados na apresentação.

**Resultados e/ou discussões**

Para realizar um trabalho que trouxesse uma vivência significativa e prazerosa musicalmente a ponto de despertar interesse e compreensão foi possível perceber que é imprescindível colocar conhecimentos físicos, biológicos e culturais em destaque. Antes de tudo, a prática de olhar e repetir o que alguém está fazendo, não é aqui o modelo mais indicado para que os Surdos realmente usufruam do seu potencial na dança. Não basta simplesmente executar os movimentos e ter uma coreografia bonita para quem assiste, é preciso entender o que se dança, porque se dança e o que envolve a dança.

A musicalidade do Surdo é uma realidade a medida em que o som é composto por vibrações e que a música é composta por sons. Através das percepções vibrotáteis exploradas em suas potencialidades, os Surdos também podem ter vivências musicais. Em parte inicial desta vivência, por exemplo, as caixas de som foram objetos de contato com o corpo de cada um dos estudantes e a organização visual dos passos serviu de referência para estudos da sequência até que fosse memorizada e aprendida: Sequência visual de dança para estudo coreográfico, com base no tempo musical.

Tentar apenas propor uma reprodução de gestos ou expressões da musicalidade particular dos ouvintes nas práticas com estudante surdo não é incluí-lo em Prática Musical. Percebeu-se que a partir de conhecimentos múltiplos como: o físico, considerando a realidade biológica para busca por materiais que contribuam para a propagação desse som e a Libras, para o entendimento do que se executa, uma prática consciente de uma dança significativa para Surdos pode acontecer.

Para se lidar com alunos que apresentam processos de desenvolvimento e socialização distintos do padrão tradicional, devemos buscar a análise e a compreensão dos fenômenos de comportamento individual e coletivo, nos mais diversos contextos em que as interações sociais e culturais ocorrem. (Kelman, 2015, p. 87)

Optar por um piso de madeira, por exemplo, ou até mesmo um tablado, já é um diferencial mega positivo para esses estudantes. A madeira é um material condutor sonoro que permite com que as vibrações sejam sentidas com maior intensidade pelo grupo que estiver em cima do material. Nos estudos, a mesa de madeira da sala de aula foi utilizada como meio condutor no estudo rítmico. As crianças encostavam suas mãos e percebiam as propriedades da música com direcionamento e explicação da professora. O que se confirmou este recurso como potencial para a compreensão rítmica, nas entradas das sequências de passos, entendimento do tempo musical, pausas, movimentos e sincronias.

 Vídeos, imagens, o texto da música e um sinalário em Libras/ Língua Portuguesa fizeram parte desse estudo. Apresentar o contexto da composição, o artista, os instrumentos que a compõem, a origem, o contexto dessa música/dança e a letra ali empregada foi outro ponto crucial anterior a execução de passos. Tais etapas colaboram na formação das compreensões dos dançarinos acerca do que é música e dança com/para Surdos.

**Considerações Finais**

Apresentações de danças por Surdos são práticas realizadas há anos no Amazonas. No entanto, pensar na forma como elas se dão ainda é um ponto que precisa ser mais explorado. O foco primordial precisa ser as subjetividades dos estudantes e não o público que assiste as danças. Para isto o professor precisa compreender e se apropriar de como fazer o ensino de dança ser algo além de repetições, mas de conhecimento musical e fruição.

Nóvoa (2001) relaciona o professor reflexivo e o professor pesquisador, dizendo que eles fazem parte de um mesmo movimento, pois o professor pesquisador é aquele que reflete sobre sua prática. Pode-se fazer esse movimento durante a pesquisa em andamento. Experimentar estratégias didáticas para o ensino de dança vem produzindo conhecimento potencial de apoio à docentes da Educação de Surdos.

**Referência Bibliográfica**

BEYER, Esther Sulzbacher Wondracek. *A abordagem cognitiva em música: uma crítica ao ensino da música, a partir da teoria de Piaget.* Dissertação (Mestrado em Educação) – UFRGS, Porto Alegre, 1988, 118p.

BRITO, Larissa Silva. *Sons, sensações e subjetividades: Musicalidade em escola específica de Surdos do Amazonas*. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFRJ, Rio de Janeiro, 2018, 214p.

CERVELLINI, Nadir. A musicalidade do surdo: representação e estigma. São Paulo: Plexus Editora, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade.* 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

NÓVOA, Antônio. *O professor pesquisador e reflexivo*. TVE Brasil, Um salto para o futuro, 2001. Entrevista. Disponível em: http://pt.scribd.com/doc/36876418/O-Professor-Pesquisador-eReflexivo. Acesso em 28 de maio de 2023.

## LULKIN, Sérgio Andrés. *O silêncio disciplinado: a invenção dos surdos a partir de representações ouvintes.* Dissertação (Mestrado em Educação) – UFRGS, Porto Alegre, 2000, 112p.

KELMAN, Celeste Azulay. *Multiculturalismo e surdez: uma questão de respeito às culturas minoritárias*. In: FERNANDES, Eulália (Org.). Surdez e Bilinguismo. Porto Alegre: 2015, 7ª. ed.

SKLIAR, Carlos. (Org.). *A surdez:* um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

THIOLLENT, M. *Metodologia da Pesquisa-Ação*. São Paulo: Cortez,1985.

1. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora da Rede Municipal de Manaus e da Rede Estadual de Educação do Amazonas. Graduada pela Universidade Federal do Amazonas em Licenciatura Plena em Pedagogia. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Surdez – GEPeSS - UFRJ. [↑](#footnote-ref-1)